

DOSSIER

# EXPOSIÇÃO DE ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA JAPÃO E S A

# PROCESSO (IN)VISÍVEL

Produzido por Anywhere Door Archi-Expo

Yoshihide Kobanawa + Kaoru Fujii + Tiago Vieira Borges + Francisco Spratley

de 1 a 30 de JUNHO de 2009 na ORDEM DOS ARQUITECTOS – SECÇÃO REGIONAL SUL  
Travessa do Carvalho, 23, 1249-003 Lisboa – Portugal Tel. (+351) 213 241 140 10:00 - 19:00 (de 2ª a 6ª Feira) Entrada Livre

## INTRODUÇÃO

Uma exposição sobre Arquitectura Contemporânea Japonesa. Uma selecção de dez arquitectos de diferentes gerações, com o objectivo de explicar a evolução e a constante mutação da arquitectura Japonesa e o impacto na sociedade e na relação com as diferentes envolventes.

A realizar na sede da Ordem dos Arquitectos (Secção Regional Sul), esta exposição dá

a possibilidade de conhecer novas ideias e filosofias na cultura contemporânea Japonesa e promove uma reflexão e o intercâmbio cultural entre os dois países.

As sociedades contemporâneas são, por definição e natureza, realidades em constante mudança. Novos panoramas políticos, económicos e sociais definem uma nova paisagem e, consequentemente, criam novas relações e reacções nos seus habitantes. Criam-se novas perspectivas, questões e exigem-se novas soluções.

Esta exposição procura mostrar como se desenvolve um projecto de arquitectura. Desde a primeira ideia e necessidade, até à sua construção e realização. Um processo em constante desenvolvimento que depende das necessidades do cliente, das soluções adoptadas pelo arquitecto e das diferentes entidades públicas e/ou privadas que também participam.

Este evento realiza-se para mostrar o que está por "detrás" de um projecto de arquitectura, questionar e reflectir sobre os pontos vitais

**Tetsuo Furuichi**



1948 Nasce em Fukushima. Japão  
1975 Licenciado pela Universidade de Waseda  
1975-86 Trabalha no atelier Kenzo Tange & Associates  
1988 Funda Furuichi & Associates  
2001- Professor, Instituto de Tecnologia de Chiba  
2006-07 Professor convidado, Universidade de Tóquio

**Kengo Kuma**



1954 Nasce em Kanagawa. Japão  
1979 Licenciatura pela Universidade de Tóquio  
1985-86 Continua os seus estudos na Graduate School, Universidade de Columbia pela Asian Cultural Council  
1987 Funda o estúdio "Spatial Design"  
1990 Funda o atelier Kengo Kuma & Associates  
1998-99 Professor na Faculty of Environmental Information, Universidade de Keio  
2001 Professor na Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade de Keio  
2009 Professor, Universidade de Tóquio

**Jun Aoki**



1956 Nasce em Yokohama. Kanagawa. Japão  
1982 Licenciado pela Universidade de Tóquio  
1982 Termina os Mestrados de Arquitectura e de Engenharia  
1983-90 Trabalha no atelier de Arata Isozaki & Associates  
1991 Funda Jun Aoki & Associates

**CA t / Kazuhiro Kojima**



1958 Nasce em Osaka. Japão  
1982 Bacharelato de Arquitectura, Universidade de Kioto  
1984 Mestrado de Arquitectura, Universidade de Tóquio – Laboratório Hiroshi Hara  
1986 Funda a Sociedade de COELACANTH Architects Inc.  
1998 Reestruturação C+A (COELACANTH AND ASSOCIATES)  
2001- Orador, Japan Women's University, Universidade de Tóquio. entre outras  
2005- Reestruturação CAT (C+A Tokyo)  
2005- Professor, Universidade de Ciências de Tóquio

**CA t / Kazuko Akamatsu**



1968 Nasce em Tóquio. Japão  
1990 Bacharelato de Arquitectura, Japan Women's University  
2002 Associa-se a COELACANTH, C+A  
2005- Reestruturação CAT (C+A Tokyo)  
2005- Oradora, Universidade de Kanto Gakuin e Instituto de Tecnologia de Nippo  
2006- Oradora, Universidade de Artes de Kobe

**Hioroshi Sambuichi**



1968 Nasce em Yamaguchi. Japão  
Licenciado pelo Departamento de Arquitectura na Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade de Ciências de Tóquio.  
Depois de trabalhar no atelier de Shinichi Ogawa & Associates, em 1999, funda Sambuichi Arquitectos e começa com projectos em Hiroshima

## TETSUO FURUICHI

### DELEGAÇÃO MUNICIPAL KITA AIZU

Câmara Municipal de Fukushima. Japão



Como aplicar a tradição na arquitetura



Betão e madeira

**Protecção** O terreno encontra-se numa área onde o Inverno é muito rigoroso e neva frequentemente. Os Invernos nesta zona caracterizam-se pelas fortes rajadas que vêm de noroeste. Por esta razão, as fachadas a Norte e Oeste são de betão com pequenas aberturas. Antigamente, no Norte do Japão, utilizavam-se uns "escudos" (à base de vegetação natural) que protegiam as paredes viradas a Norte e Oeste dos fortes ventos característicos do Inverno. Neste projecto utilizou-se o mesmo sistema.

## KENGO KUMA

### PRAÇA CHOKKURA ÁREA DE DESCANSO

Takanezawamachi. Tochigi. Japão

### ESTAÇÃO HOSHAKUJI

Takanezawa. Shioya-gun. Tochigi



**Estação Hoshakuji** O ponto de partida foi abrir a saída este da estação Hoshakuji. Pretendia-se ligar a parte oeste e este da estação, que tinha sido dividida pelo caminho de ferro. Eventualmente, significaria o elo de ligação das duas partes da cidade de Takanezawa e entre a estação com a praça Chokkura e a área de descanso, desenhadas na zona da saída este. Não se pretende conceber o projecto da estação como uma caixa mas sim como uma abertura. Esta abertura começa na "vizinha" praça Chokkura. Uma das primeiras decisões foi manter o velho armazém de pedra Oya existente neste lugar. Aproveitaram-se dos poros da pedra Oya e utilizam-nos no novo sistema estrutural, no qual a estrutura de aço e a pedra são combinadas diagonalmente, acrescentando um novo sistema de construção ao armazém.

imperceptíveis durante o processo de um projecto de arquitectura.

A oportunidade de realizar este evento, em Lisboa, dá-nos a possibilidade de assistir, na “primeira fila” ao processo de trabalho dos arquitectos japoneses. Como lidam com as diferenças sociais, históricas e as restrições económicas? Como conseguem equilibrar no projecto as diferentes vontades, necessidades e “linguagens”?

Para a exposição Processo (In)visível, foram

escolhidos diferentes arquitectos japoneses, com diferentes maneiras de pensar e projectar. Estes projectos apresentam novos conceitos de habitar e de se relacionar com o espaço, esclarecendo e dando-nos pistas acerca de tão admirável cultura.

Este intercâmbio cultural e arquitectónico abrirá definitivamente uma porta para levantar novas questões e dúvidas, bem como responder a alguns problemas comuns entre as duas realidades.

Anywhere Door Archi-Expo

## EVENTOS

1 de Junho	
20.00h	Conferência de Tetsuo Furuichi
21.15h	Inauguração
2 de Junho	
19.30h	Conferência de Sou Fujimoto
4 de Junho	
19.30h	Conferência de Mount Fuji Architects Studio
20.45h	Conferência de CAT

## CONTACTO

Ordem dos Arquitectos [www.oasrs.org](http://www.oasrs.org)  
Anywhere Door Archi-expo [www.anywheredoorarchi.com](http://www.anywheredoorarchi.com)

### Kumiko Inui



1969 Nasce em Osaka. Japão  
1992 Licenciada pela Universidade Nacional de Belas Artes e Música de Tóquio  
1996 Termina o Mestrado na Escola de Arquitectura de Yale  
1996-2000 Trabalha no atelier de Jun Aoki and Associates  
2000 Funda o atelier Kumiko Inui  
2000-01 Professora Associada, Universidade de Belas Artes de Tóquio  
2006- Oradora, Showa Women's University  
2008- Oradora, Universidade de Tóquio  
2009- Oradora na Universidade Waseda e Universidade de Belas Artes de Tóquio

### Jun Igarashi



1970 Nasce em Hokkaido. Japão  
1990 Licenciado pela Faculdade Técnica de Hokkaido Central Kougakuin  
1997 Funda Jun Igarashi Architects

### Sou Fujimoto



1971 Nasce em Hokkaido. Japão  
1994 Licenciado em Arquitectura pela Universidade de Tóquio, Faculdade de Engenharia, Departamento de Arquitectura  
2000 Funda Sou Fujimoto Architects

### Kazuyasu Kochi



1973 Nasce em Chiba. Japão  
2000 Licenciado em Arquitectura pela Universidade Nacional de Belas Artes e Música de Tóquio  
2000 Trabalha no atelier de Kazuhiko Namba + workshop KAI  
2003 Funda Kochi Architects Studio  
2008- Professor Assistente, Instituto de Tecnologia de Shibaura e Universidade de Kioto Seika

### Mount Fuji Architects Studio



**Masahiro Harada (esquerda)**  
1973 Nasce em Shizuoka. Japão  
1997-00 Trabalha no Kengo Kuma & Associates  
2001-02 Trabalha no Lapeña & Torres Arquitectos com a bolsa "National Fellowship for Artist"  
2003 Trabalha no Arata Isozaki & Associates  
2004 Funda MOUNT FUJI ARCHITECTS STUDIO  
2008- Professor convidado, Instituto de Tecnologia de Shibaura  
**Mao Harada (direita)**  
1976 Nasce em Kanagawa. Japão  
2004 Funda MOUNT FUJI ARCHITECTS STUDIO

### Shunsuke Kurakata



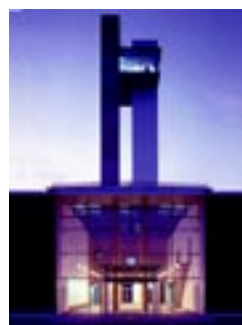
Historiador arquitectura, Doutor, 1971 Nasce em Tóquio, Japão  
1999 Bacharelato de Arquitectura, Universidade de Waseda  
Escreve ensaios sobre a arquitectura moderna / contemporânea do Japão, sendo professor convidado na Universidade de Keiou-Gijuku e na Universidade de Engenharia de Shibaura.



Interior de escritório

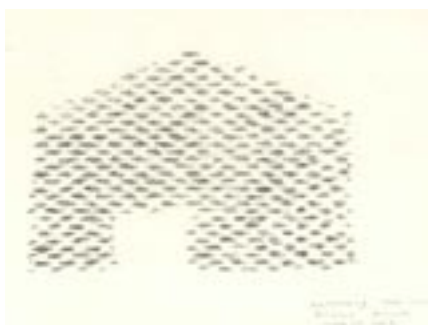


Fachada Norte



Entrada Sul e Torre

**Luz natural** Devido à sucessão de dias escuros e nevosos, o edifício tem um pé-direito alto, toda a fachada sul é de vidro e colocaram-se clarabóias na cobertura. Como resultado, mesmo no Inverno, o edifício é “inundado” com tanta luz que não é necessária iluminação artificial. A luz natural entra pela cobertura e desliza pelas colunas. **Material tradicional e terremotos** A madeira é um material vantajoso sob o ponto de vista ambiental e ao mesmo tempo armazena dióxido de carbono. Em simultâneo, este material também produz um ambiente familiar e acolhedor no edifício. A forma das paredes em betão faz com que sejam resistentes a terremotos enquanto a estrutura de madeira apenas suporta cargas verticais.

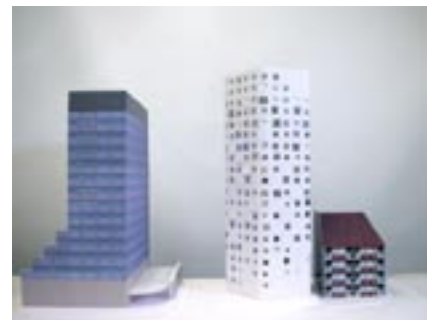
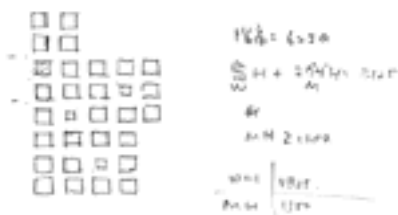


**Praça Chokkura** Este projecto situa-se perto da estação Hoshakujji, duas paragens depois de Utsuomiya. Na saída oeste existe uma rotunda. A saída este encontra-se fechada e tem um armazém de arroz abandonado, construído com pedra Oya. Em vez de projectar uma estação “moderna” definida por vidro, alumínio (ou outros novos materiais) e com iluminação que pretende vaidosamente parecer brilhante e colorida, a questão residia em como poder desenhar o entorno da estação que assenta firmemente no solo e que representa a imagem desta cidade.

# JUN AOKI

## EDIFÍCIO SIA AOYAMA

Aoyama. Tóquio. Japão



A área que se encontra entre os bairros de Shibuya e Aoyama define-se pela co-existência da zona residencial, de escritórios e comercial. Se neste lugar se tentasse construir um edifício de escritórios que denuncie esta mesma função ou algo noutra escala, como um edifício habitacional, destruir-se-ia todo o charme desta cidade. Propõe-se um edifício que se destaca dos outros, que não parece nem de escritórios nem de habitação, mas que se assemelha a um volume esculpido de uma montanha rochosa branca. Foi a melhor estratégia para se relacionar com este lugar, uma torre como um edifício-monolítico de uma superfície lisa e escorregadia.

# KAZUHIRO KOJIMA + KAZUKO AMATSU / Cat

## ESCOLA PRIMÁRIA MIHAMA UTASE

Mihama. Chiba. Japão



A escola primária Mihama Utase situa-se na cidade de Makuhari Bay, uma nova cidade-distrito emergente, construída na zona baixa da Baía de Tóquio. É invulgar no Japão a vista que se tem da cidade de Makuhari, construída com grandes blocos rectangulares. De acordo com este panorama, a escola foi desenhada para aproximadamente 1000 crianças e realizada com um orçamento reduzido. Foi projectada sem portões nem vedações, de modo a permitir o acesso a qualquer pessoa e a integração na cidade. A organização da escola rege-se segundo os parâmetros de ensino em equipa e sistema de educação aberto: as paredes entre as aulas e os corredores são eliminadas e o mobiliário é móvel, de modo a servir de apoio às diferentes formas de educação no edifício. Cada aula é rodeada, em 3 lados, por pátios por onde entram a luz e o vento. Ao tratar o interior e o exterior de igual forma, os espaços projectados para as crianças assemelham-se à Natureza.

# HIROSHI SAMBUICHI

## INUJIMA ART PROJECT SEIRENSHO

Inujima. Okayama. Japão



A proposta visa controlar o ambiente do museu de Arte utilizando apenas energias naturais sustentáveis. O verdadeiro significado do termo “ambiente sustentável” é apenas perceptível quando o sistema é usado sistematicamente com actividades naturais perpétuas. A questão mais importante é o lugar da Humanidade. Os edifícios tradicionais, como os museus de Arte, aumentam o consumo de energia de acordo com o número de visitantes; este factor representa uma maior carga para o ambiente, o que revela de que modo a Humanidade pode ser uma influência negativa para a Terra.

# KUMIKO INUI

## APARTAMENTOS I

Tóquio. Japão



Este edifício de habitação com cinco andares (um apartamento por andar, cada um com 25 m²) situa-se no coração de Tóquio e foi construído numa propriedade com apenas 48 m² de área. Minimizar a área de acessos e do núcleo de escadas e o facto deste variar em cada planta, permite que a forma dos apartamentos se intercale entre “O” e “U”. Ao mesmo tempo, este núcleo é intencionalmente colocado em forma de “zigzag”, da qual resulta um jogo de simetria entre as diferentes plantas.





O edifício “SIA Aoyama” foi desenvolvido consoante um espaço standard de escritório, apenas com a diferença de o pé-direito ter 5 metros de altura. Como resultado, surgem janelas altas que não preenchem apenas o espaço com um fluxo de luz mas também permitem controlar a iluminação natural em cada planta do espaço. Este facto levou à construção de pequenas janelas espalhadas pelas paredes exteriores. Existem 7 tipos de janelas quadradas, com arestas de 1150mm, 1450mm, 1600mm, 1750mm, 1900mm, 2050mm e 2200mm. Colocadas de uma forma aparentemente (des)ordenada, são como um desenho à mão livre que pretende ser o mais preciso possível. Neste edifício foi utilizado betão reforçado resistente a terremotos, o que permitiu a redução da espessura das paredes, criando as proporções correctas para os altos espaços interiores.



Cada “casa” (cada uma é um ano lectivo distinto), onde as crianças passam a maior parte do tempo, é projectada como uma grande casa composta por um conjunto de aulas, espaços de trabalho com bancos, que funcionam também como esconderijos, um canto de Arte e Ciência e umas escadas que servem como espaço de reuniões. A circulação geral é pensada como um percurso que une todos os espaços e sem becos, de modo a constituir uma unidade. Sobre um pavimento de superfície contínua e lisa, sem juntas de dilatação, a actividade das crianças, assim como a luz e o vento, desenvolvem-se na totalidade num movimento fluído.



Os dejectos do visitante são convertidos em nutrição para as plantas da ilha. Por outras palavras, as plantas que se encontram no exterior do museu, crescerão à medida que aumenta o número de visitantes. Como consequência, traz estabilidade no que se refere ao aquecimento do ambiente, proporciona conforto e beleza natural para este lugar e vantagens para a Humanidade. Neste caso, significa que a Humanidade representa uma força positiva na Terra. Este projecto é inovador devido ao facto de a espécie animal fazer parte do ciclo ambiental original, assim como as plantas, o sol, a terra, a água e o ar. Pensa-se que este modelo pode ser a solução aceitável para a Terra e que estes edifícios podem ser usados por um longo período.

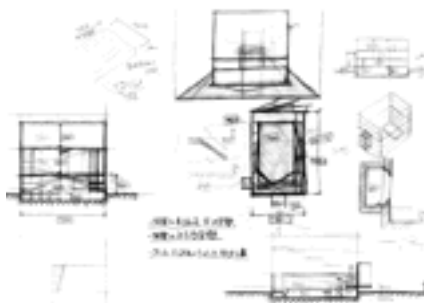


Esta simetria é intencional, de modo a que os espaços de maior uso em cada planta enfoquem diferentes pontos da envolvente, que se caracteriza por uma zona de edifícios de diferentes alturas, dando a possibilidade a cada apartamento de “observar” sem obstáculos. Os dois primeiros andares abrem-se ao exterior pela fachada norte, voltados para a rua adjacente. O projecto pretende que cada apartamento ofereça diferentes sensações e vivências.

# JUN IGARASHI

## RECTÂNGULO DE LUZ

Sapporo. Hokkaido. Japão



Entre Natureza e Arte

Uma pequena parcela de ocupação residencial com aproximadamente 100m<sup>2</sup>. À volta existe um passeio com uma densa vegetação e este facto causa um inevitável recuo no alinhamento das casas. Assim, a área de construção reduz-se a 40m<sup>2</sup>. A partir deste ponto, desenhou-se uma casa para um casal com 2 crianças.

As escadas, a instalação sanitária e os acessos concentram-se na parte norte do edifício, definindo um limite entre espaço público e privado.

# SOU FUJIMOTO

## CASA N

Oita. Japão



Uma casa para 2 pessoas e um cão. O projecto consiste na construção de 3 capas que gradualmente se encaixam umas nas outras. A maior define o limite exterior da casa, criando uma cobertura e um jardim semi-interior. A segunda capa encerra um espaço limitado dentro da primeira. A última define um espaço interior de dimensões reduzidas. Os ocupantes desenvolvem a sua rotina dentro da articulação entre estes 3 domínios. Sou Fujimoto sempre duvidou da separação por uma única parede entre as casas e as ruas e questiona-se como a gradual transição, acompanhada de várias percepções de distância entre estes dois elementos, pode ser uma possibilidade. Neste caso, um espaço dentro da casa mas perto da rua, um outro que está um pouco mais longe e o terceiro que garante a privacidade. Por esta razão, o viver nesta casa é como "viver nas nuvens". Torna-se difícil perceber uma fronteira definida, à excepção de uma mudança gradual dos espaços. Poderia dizer-se que, numa arquitectura ideal, um espaço exterior transmite a sensação de interior e um espaço interior a de exterior.

# MOUNT FUJI ARCHITECTS STUDIO

## A CRUZ BRANCA IZU-SAN

Shizuoka. Japão



O terreno situa-se na montanha de Izu-san com vista para o Oceano pacífico. Uma paisagem selvagem e intocável coberta de árvores de folha caduca como a de cerejeira e o carvalho japonês. No entanto, surge um vislumbre de uma possibilidade arquitectónica no cume da montanha. A arquitectura é usada como casa de fim-de-semana. O resultado que se pretendia não era um edifício inserido numa paisagem normal e corrente, rodeada por grandes árvores, nem projectar uma arquitectura elaborada sobre uma topografia complexa. O importante era criar um projecto com uma arquitectura perfeitamente autónoma e que pudesse, ao mesmo tempo, emergir com uma forma intrínseca ao ambiente natural onde se insere, como se se tratasse de uma abstracção da natureza. O projecto resulta da intersecção de dois paralelepípedos rectangulares, perpendiculares entre si. O volume inferior contém os quartos e as instalações sanitárias, onde metade sobressai sobre o estreito terreno existente. O paralelepípedo superior, que incorpora a sala de estar e a cozinha, está ao mesmo nível do cume desta montanha. Uma cruz descentrada, implantada rigorosamente no terreno natural.

# KAZUYASU KOCHI

## CASA JARDIM

Tóquio. Japão



Duas caixas, casa e estúdio, situam-se neste grande jardim. Uma parede exterior é de vidro e o jardim reflecte-se nesta parede.

**A proporção entre a casa e o jardim:** A área do terreno é de 450 m<sup>2</sup> o que é um exemplo raro em Tóquio. Existia uma casa antiga do lado norte e um jardim do lado sul. No início do projecto o cliente, que é calígrafo, solicitou uma casa e um estúdio mas a área de implantação era limitada, assim como o orçamento. Assim, a proporção de ocupação da casa no terreno foi estimada em 20%. Na maior parte dos casos de uso residencial, o valor é de 60%. A área de estacionamento e de coberturas exteriores ocupa 40% do espaço exterior. Não há espaço suficiente para um jardim. O conceito para este projecto baseou-se na forma de tirar proveito de 80% de espaço exterior.



Devido às duras condições climáticas características desta zona, existem normas de construção específicas para criar um desnível 60cm abaixo do solo. Esta medida implica, normalmente, construir uma laje mais grossa para alinhar o chão da casa com o nível da rua mas, neste caso, esta dimensão adicionou-se ao pé-direito do rés-do-chão. A parte sul da casa é composta por um espaço vertical, o qual capta a luz exterior e a reflecte no interior da casa. O projecto não tem nenhuma janela onde se possa contemplar o exterior. No entanto, a luz que entra nos diferentes espaços possui uma qualidade e intensidade que variam de acordo com a hora do dia.



Nesta estrutura, o interior é invariavelmente o exterior e vice-versa. A intenção era criar uma arquitectura que não se debruça sobre o espaço nem a forma mas que expressa simplesmente a qualidade do que se encontra “entre” as casas e ruas. Três capas que eventualmente significam um elemento infinito porque o mundo é feito de infinitas camadas. Neste caso, existem apenas 3, às quais é atribuída uma forma pouco visível. Este arquitecto imagina que a cidade e a casa não diferem na sua essência, sendo apenas diferentes abordagens de um único tema contínuo ou diferentes expressões da mesma realidade – uma ondulação do espaço primordial onde as pessoas habitam. Uma apresentação de uma casa, na sua última expressão, em que tudo, desde as origens do mundo a uma determinada casa, é concebido em conjunto sob um único método.



Um dos eixos da cruz estende-se a sul, em direcção ao Oceano Pacífico, e o outro, na direcção oeste, onde se encontra a floresta de carvalhos japoneses e de videiros brancos. Os quartos e os respectivos terraços da planta inferior têm uma ampla vista do céu e do mar. As sombras da floresta reflectem-se no volume superior. O mármore branco polido foi escolhido como acabamento interior e exterior. O brilho natural deste material, tal como nas esculturas gregas, engloba uma luz azulada proveniente de sul e um esverdeado gradual de oeste, criando assim uma paisagem contínua e delicada, onde a luz sugere o ambiente e o uso do espaço. Esta superfície revestida de mármore suaviza-se à medida que se aproxima da extremidade sudoeste, terminando numa superfície totalmente brilhante. A parte sul da “Cruz Branca” funde-se com o azul do céu e do mar e com o verde da floresta. Neste projecto a abstracção não entra em conflito com a natureza. As formas surgem como que esculpidas na natureza e nunca deixam de ser parte intrínseca desta, mantendo, no entanto, uma forma abstracta. A natureza não se define pelas formas que lhe são estranhas e não se geram contradições quando se define por “natureza artificial” o abandono da abstracção e da sua representação. A abstracção, quando inspirada na Natureza, define a própria natureza, permanecendo intrínseca ao ambiente natural. “Foi o que pretendi com esta abstracção e arquitectura”.



**A casa funde-se com o jardim:** Neste projecto, a proporção “casa: jardim” é de “2:8”. A percepção que se tem não é de “olhar para o jardim” mas de “estar no jardim”. Se a casa é um grande volume, o espaço exterior circundante é estreito e o terreno fica dividido entre casa e jardim. Decidiu-se dividir o volume em casa e estúdio e colocá-los no jardim, permitindo que ambos pudessem ter vistas sobre o jardim. **Uma parede exterior:** Uma das paredes exteriores de ambos os volumes é materializada com painéis de cimento-madeira e vidro e o jardim reflecte-se nesta parede. Os painéis são pintados de modo a tornarem-se impermeáveis, o que os torna tão brilhantes como a intensidade da luz natural nos quartos, durante o dia, perdendo-se a noção entre janela e parede. A percepção que se tem no jardim é intencional, como uma sensação que se desenvolve assistindo ao espaço exterior que se funde com o jardim e vice-versa.



## O CONTROLO SUBTIL NA ARQUITECTURA “CAÍDA DO CÉU”

SHUNSUKE KURAKATA

Uma arquitectura sem relação com o contexto pode acontecer algumas vezes, ou apenas excepcionalmente. Nem é preciso referir que cada arquitectura se constrói num determinado contexto. Contudo, são possíveis vários tipos de relação da arquitectura com o contexto. Esta exposição retrata o trabalho de 10 arquitectos activos no Japão. Não só se expõem os desenhos e as fotos das obras acabadas mas também o processo de construção - desde a “leitura” do contexto ao fim da obra - destacando uma obra recente de cada arquitecto. Através deste meio torna-se visível como os arquitectos interpretam o contexto e o que tentam / conseguem transformar pelo acto da arquitectura. Mostra-se também a relação entre a sociedade e a arquitectura contemporânea do Japão.

Aumentando um pouco o âmbito desta exposição, começo este texto com a seguinte pergunta: “Como tem sido a relação da arquitectura japonesa com o contexto, desde a última metade do século XIX?” A tendência tem sido a ruptura mais do que a harmonia. No Japão, os arquitectos da época moderna apercebiam-se do contexto no processo do projecto mas os resultados demonstram uma tendência de alterar esse contexto, em vez de derivar naturalmente do mesmo. Estes arquitectos tinham assumido a atitude de projectar algo “caído do céu” (\*1) em vez de realizar algo que nasce do chão. Essa condição tem origem antes da arquitectura moderna no Japão. (\*1) Esta metáfora explica a situação no Japão de não querer “criticar” a modernidade ocidental. Do texto original: “Estes arquitectos tinham... algo que desce dançando do céu.” [nota do tradutor]

No Japão moderno, a “arquitectura” era um conceito fundamentalmente novo. A partir da abertura do país, em 1854 (\*2) que marca o início da idade moderna no Japão, começaram a construir-se edifícios com novas influências, diferentes dos que eram baseados na tradição da madeira. A arquitectura como disciplina foi introduzida pela primeira vez pelo arquitecto britânico Josias Conder (1852-1920), que visitou o Japão, em 1877, como conselheiro provisório do projectista independente, do construtor nem o

conceito de “arquitectura” que abrange edifícios de diferentes tipologias. (\*2) O Japão esteve fechado politicamente desde o ano de 1641, durante o governo da família Tokugawa. [nota do tradutor]

Os edifícios posteriores à abertura do país – residências de comerciantes estrangeiros, novos edifícios do governo que as imitavam e o museu projectado por Josias Conder, etc. – não tinham nada a ver com os edifícios anteriores. Estes não foram construídos para desenvolver o contexto do passado mas sim para ser o ponto de partida para um novo contexto. Este tipo de fenómeno – o destino da dupla estrutura – pode-se encontrar em muitos países para além do Japão. O que particulariza o Japão é o facto de que se aceitou quase na totalidade esse fenómeno como uma necessidade para avançar na modernização do país. Os primeiros arquitectos, formados por Josias Conder, em menos de 10 anos já eram professores e formaram uma nova geração de profissionais. É provável que alguns arquitectos tenham sofrido a imposição da profissão e dos edifícios que realizavam, como algo “caído do céu”. Apesar disto, em geral, eram (ou tinham que ser) “bons alunos” da ocidentalização. Nos anos de 1900, além do desenho de um estilo e das técnicas construtivas de tijolo e pedra, que foram introduzidos no Japão depois da abertura do país, começou a introduzir-se o desenho da Art Nouveau, as técnicas de construção em betão armado e de aço, etc., mas essa tendência [de ocidentalização através do estilo, (\*3)] basicamente não mudou. (\*3) [nota do tradutor]

No entanto, a arquitectura moderna depois dos anos 1920 apresentou novidades na relação da arquitectura com o contexto. Através da arquitectura, as respostas aos problemas urbanos, as correspondências entre o clima e a geografia, as proposições ao ambiente social e as considerações às tradições foram tratadas de forma distinta. [Por exemplo, Doujun-kai Apartment Houses (Doujun-kai, 1926-34), Correio Central de Tóquio (Tetsuro Yohida, 1931), Casa Kameki Tsuchiura (Kameki Tsuchiura, 1935), etc.]. Esta procura suspendeu-se com a Segunda Guerra Mundial e só depois foi retomada. No pós-guerra, reforçou-se a característica da arquitectura “caída do céu”. A derrota do Japão na Segunda Guerra mundial foi considerada pela maioria dos japoneses como uma consequência do Japão da época moderna, depois da abertura do país. De modo que se considerou que a correcta modernização devia surgir de novo, tomando o presente como o ponto de partida. No mundo da arquitectura esse pensamento, por um lado pôs fim ao estilo, e por outro também

reduziu as possibilidades da revitalização das tradições anteriores à abertura do país (\*4). Kunio Maekawa (1905-86), Kenzo Tange (1913-2005) tiveram carreiras como arquitectos interrompidas devido à decadência causada pela guerra mas, durante o grande crescimento económico da última metade da década de 50 até 1970, retomaram com energia criativa em diferentes projectos, sequentes, de arquitectura pública. Seguiram-nos com fama internacional a geração de Kiyonori Kikutake (1928 -), Fumihiko Maki (1928 -), Kisho Kurokawa (1934-2007) os quais começaram a carreira no pós-guerra. (\*4) A derrota na 2ª Guerra Mundial não significou o voltar à tradição. O país centrou-se na nova modernização. [nota do tradutor]

A situação do mundo da arquitectura mudou totalmente nos anos 1970, quando o Japão passou por um fraco crescimento económico. Os arquitectos começaram a relacionar os projectos com o contexto de forma mais discreta, a procurar valor na relação intrínseca da arquitectura com o contexto e não alterando apenas o contexto como antes. Esta mudança foi influenciada pelo reforço das grandes construtoras, escritórios e empresas imobiliárias e, portanto, os projectos com grandes alterações do contexto não se realizavam em pequenos escritórios. Foi nesta altura que cresceu a influência de Arata Isozaki (1931-) que dava importância ao conceito nos projectos. Outros arquitectos como Tadao Ando (1941-) Toyo Ito (1941-) começaram a projectar pequenas casas nos anos 1970 e, gradualmente, ganharam posições de destaque como arquitectos responsáveis de projectos públicos de grande escala.

Esta exposição apresenta um conjunto de arquitectos da geração posterior a estes e, inclusive, da nova geração. As formas de projectar de cada arquitecto são diversas mas nelas se pode identificar uma característica em comum: a intenção de adaptar a arquitectura ao respectivo contexto. As “arquitecturas” expostas não se consideram actos heróicos que alteram o contexto para a sua renovação, nem como actos que aceitam os contextos sem os alterar. Assim, o que se projecta são acontecimentos que surgem entre o edifício e a envolvente. Uma vez que um novo edifício se insere num contexto, surgem novos significados e provocam novos actos, tanto no ambiente externo como no próprio lugar. Pode-se encontrar uma tendência que projecta essa síntese como arquitectura. O destino dos arquitectos no Japão desde a época moderna – a ruptura do contexto – tem-se dirigido na procura da subtil sensibilidade dos espaços, dos materiais, etc.. “supondo que a arquitectura “cai do céu”, como se pode controlá-la?” – A luta dos arquitectos japoneses de hoje apoia-se também em tal “tradição”.

### PROCESSO (IN)VISÍVEL - LISBOA 2009

Exposição de Arquitectura Contemporânea Japonesa

Organizador: Ordem dos Arquitectos Secção Regional Sul  
Co-Organizador: Anywhere Door Archi-Expo

Apoio Institucional: Embaixada do Japão em Portugal

Entidades Associadas: Sociedade Luso-Nipónica, The Japan Institute of Architects (JIA), Architectural Institute of Japan (AIJ)  
Patrocínios: EPSON Portugal, Hotel Mundial, Restaurante Tomo, SHS Lda. Vinhos Paço de Teixeira  
Apoio: The Japan Foundation  
Colaboração: Revista arq|a, Instituto de Tecnologia de Shibaura - Harada Lab.

Produção: Anywhere Door Archi-Expo  
Curador: Yoshihide Kobanawa  
Coordenadores: Francisco Spratley, Tiago Borges, Kaoru Fujii, Sara Andrade (OASRS)

### CATÁLOGO POR arq|a

Impressão: Revista arq|a  
Coordenação e Desenho: Anywhere Door Archi-Expo  
Texto contribuído: Shunsuke Kurakata  
Tradução: Atsushi Ueno  
(para Shunsuke Kurakata)  
Anywhere Door Archi-Expo  
(descrição de projectos)

### EXPOSIÇÃO

Desenho: Anywhere Door Archi-Expo  
Impressão de Painéis: EPSON Portugal

### VIDEOS

“sight to site”  
Direcção e edição: Harada Lab. of Shibaura Institute of Technology; Takashi Taguchi, Rui Horikawa, Ryo Tamura, Keita Kashio, Kenichi Yoshizawa, Takahiro Aoki, Rintaro Yoshida  
Duração: 6 mins

### “(IN)Visible Process”

Direcção e edição: Anywhere Door Archi-Expo  
Duração: 14 mins

### DESENHO GRÁFICO

Posters e Desenho Web: Anywhere Door Archi-Expo

### AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Carlos Vieira, Inês Brito, Gilberto Rodriguez

### ANYWHERE DOOR ARCHI-EXPO CONSTITUÍDO POR:

Yoshihide Kobanawa  
Francisco Spratley  
Tiago Vieira Borges  
Kaoru Fujii

anywheredoor.archiexpo@gmail.com  
www.anywheredoorarchi.com

